

# UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DO CONTO UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, EVIDENCIANDO A TEMÁTICA DO SUICÍDIO E DO PRECONCEITO

Camila da Cunha BATISTA<sup>1</sup>  
Daniela Brandão dos Reis ALVES<sup>2</sup>  
Luciana Soares da Rocha GENARI<sup>3</sup>

**RESUMO:** Análise da estrutura narrativa do conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles, buscando investigar a coerência do conto frente ao tema do preconceito e do suicídio. As análises revelam que o conto é composto por conteúdos ocultos em figuras de linguagem que contribuem com o desenvolvimento de várias interpretações preconceituosas que levam a personagem, Gina, a cometer suicídio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito; morte; suicídio.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles. O conto, em sua essência, pode ter caráter fictício, pois o narrador é o criador da história e esta não necessariamente deve partir de um relato verídico. Para tanto faremos uma análise da estrutura narrativa do texto, cujo repertório e modo de contar nos induz a imaginar cenas de um real acontecimento, onde a personagem comete suicídio, provavelmente, devido ao preconceito que sofria por parte da mãe que acreditava que a filha tinha uma relação homoafetiva com uma amiga da faculdade.

## 2. Análise da obra: uma branca sombra pálida

Será feita uma análise do conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles, tendo como base teórica a obra *Operadores da Narrativa*, de Arnaldo Franco Junior, destacando os aspectos e as partes da história que são importantes para sua interpretação.

No conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Tel-

les, temos a narração da história trágica de uma jovem estudante chamada Gina que, aparentemente, mantinha um romance homoafetivo com uma amiga, Oriana, e que após ser confrontada pela mãe sobre essa possível relação e de receber um ultimato da mesma, no qual deveria escolher entre a mãe e a amiga, a jovem comete suicídio.

A narradora do conto é a própria mãe de Gina, que usa da 1<sup>o</sup> pessoa do discurso para narrar e, também, participa diretamente do conflito dramático e da história narrada. Pode ser classificada como uma narradora protagonista, pois exerce um papel fundamental, uma vez que registra seus pensamentos, percepções, sentimentos sobre os acontecimentos narrados.

O leitor é conduzido na história pela forma como a narradora elenca as recordações dos acontecimentos. Tanto é que a morte de Gina, sua filha, não é um mistério para o leitor, uma vez que é revelada logo no início da história. Sendo assim, o que irá intrigar é a forma como os acontecimentos vão sendo apresentados, bem como as circunstâncias em torno desta tragédia.

Logo no início do conto, a narradora nos apresenta uma dica da causa da morte da filha ao lembrar de quando foi buscar o corpo após a autópsia e mencionar que deixou as narinas da filha livres do algodão para caso ela quisesse voltar a respirar, mas logo em seguida diz que ela não quis e que “[...] foi feita a sua vontade, ela era voluntariosa, quando resolvia uma coisa, hein?”, dando a entender que a morte havia sido a vontade, a escolha de Gina. Neste mesmo trecho destacado, há o começo da apresentação das características de Gina, descrita como voluntariosa, e ao longo da história, como uma menina que ao mesmo tempo que aparentava ser inocente, pois queria ser uma bailarina e gostava de música clássica, era também dissimulada, geniosa. Além disso, a narradora parece dizer que ela era uma menina que sempre fazia o que queria sem se importar com a opinião dela, como quando ela diz que desistiu de ser bailarina e que iria estudar Letras, e a mãe simplesmente responde: “Você é que sabe, [...]. Sempre concordei com tudo e adiantava discordar?”.

Para nós leitores estas descrições não são totalmente confiáveis,

uma vez que partem somente do ponto de vista da narradora, portanto, não poderiam ser ditas como informações imparciais, mas, a forma como Gina vai sendo descrita é importante para tentar entender a forma como esta mãe, narradora, enxerga a causa do suicídio da filha. Há um trecho narrado, em que temos exemplificado uma perspectiva desta mãe sobre o suicídio:

[...] foi suicídio. Acho que queria apenas me agredir, seria uma simples agressão mas desta vez foi longe demais. O pai tinha este mesmo estilo ambíguo, não ia direto ao alvo, contornava. A diferença é que era mais esperto, não correria o risco de fazer figurações com a morte. (TELLES, 1995 p. 132)

Nesta parte, fica claro que a mãe acreditava que a filha tinha cometido suicídio como uma forma de agredi-la, e que na verdade ela não tinha a intenção de se matar, porém acabou indo longe demais, o que reforça, também, essa imagem de pessoa voluntariosa, que faz o que quer sem pensar. Mais a frente, veremos que esta agressão que ela menciona estaria associada com o preconceito desta mãe para com a relação da filha com Oriana.

Ainda sobre este trecho do conto, destacado acima, temos uma comparação feita pela narradora entre a filha e o pai, que nos é interessante observar para determinar o grau de distanciamento que havia na relação de mãe e filha. Isso porque, de acordo com a narradora, Gina se parecia muito com o pai, a pessoa de quem ela havia herdado o romantismo, o gosto pela música clássica e também a maneira de ser, o jeito de ser ambíguo, de não ir direto ao ponto ao se comunicar, de não falar claramente as coisas.

Esta afinidade com o pai pode ser explicada não só pelas semelhanças entre eles, mas também pelo distanciamento da mãe e sua postura, uma vez que ela não aparenta ser do tipo carinhosa demais para com Gina, como quando ela afirma “Ela sabe que não gosto de beijos, nem tentou me beijar mas apenas me abraçava [...]”. Além disso, ela parece não ver com bons olhos as características deles, como se este jeito romântico lhe proporcionassem uma fraqueza diante da

realidade da vida, como ela mesma afirma “[...] os delicados não têm resistência”.

O que nos parece, então, é que o pai fazia o papel do apaziguador, do carinhoso, do apegado, enquanto que a mãe era mais exigente, ríspida e crítica. Como quando na Primeira Comunhão da menina, que havia sido ideia do pai, pois a mãe não fazia questão:

“Correu para subir a escadaria da igreja e foi nos esperar lá em cima, a longa saia de organdi branco a se abrir feito um balão, o véu esvoaçante querendo subir. Cuidado, Gina! Cuidado, filha! repeti e fiquei me perguntando, mas cuidado por quê? Ele acendeu o cachimbo e a cinza me alcançou. Quer ter a bondade de apagar isso? pedi. Ofereceu-me o lenço. Limpei a cinza que se colara ao meu lábio e aponte o banco do carro, Olha aí, Gina tinha que esquecer o missal. Ele guardou no bolso o cachimbo apagado, apanhou o missal e falou entre os dentes, Deixa a menina em paz.” (TELLES, 1995 p. 135 e 136)

Mesmo que este trecho nos pareça de início um acontecimento sem importância, ele terá relevância quando percebermos que a implicância da mãe para com as ações da menina vai ganhando um grau de intensidade maior, ou seja, deixando de ser implicâncias comuns para se tornar um preconceito que será decisivo na vida da filha. E, neste ponto, é interessante observar a análise tendenciosa que a narradora faz novamente do suicídio, pois, ao questionar o pedido do pai, neste trecho destacado acima, para deixar a filha em paz, ela irá afirmar mais a frente “ Fiz sua vontade, meu querido. Dei-lhe toda a liberdade e se você ainda vivesse poderia ver agora no que deu essa liberdade.” Como se dissesse que uma parcela de culpa sobre a morte da filha está na liberdade demasiada que ela lhe deu, que fez com que a filha tomasse decisões erradas. E, dentre estas decisões erradas, não estaria só o suicídio, mas também a relação com Oriana.

Pelo que foi dito acima, havia um certo conflito na estrutura da família, onde a filha possuía mais afinidade com o pai do que com a mãe. Ao perder o pai, uma pessoa que a entendia e com quem podia conversar, talvez possamos dizer que Gina preenche este lugar vazio ao encontrar Oriana. Há, inclusive, um momento em que a narradora

irá mencionar haver uma certa semelhança entre Gina, o pai e Oriana, quando diz:

“Não acredito em Deus, já disse, se às vezes chamo por ele é assim automático, não acredito. Mas fiz questão de cumprir todo o ritual da morte cristã, como o pai ela gostava desse teatro da inocência. Até nesse ponto os dois eram parecidos com Oriana que também gosta dessas bugigangas afro-religiosas, tem a fitinha vermelha amarrada no pulso e a cruz de ferro na corrente do pescoço [...]”.  
(TELLES, 1995 p. 139)

Os aspectos comuns entre eles criam uma impressão de afastamento desta narradora que, de certa forma, irá sustentar o comportamento de não tentar compreender e aceitar a relação da filha com Oriana, uma vez que ela, como mãe da menina, não partilha do seu jeito de ser, do seu jeito de enxergar a vida. Conforme vamos interpretando as falas desta narradora, compreendemos a crítica que ela faz sobre o modo romântico de ver a vida, tanto da filha quanto do pai, e sobre o preconceito que ela tem com Oriana e a desaprovação da amizade dela com Gina.

A narradora menciona que a filha sofreu uma grande mudança em sua personalidade quando conheceu Oriana, mudando até o desejo de ser bailarina para ir estudar Letras com a amiga, e deixa claro, pelo modo como fala de Oriana, a má impressão que tem dela e de sua má influência para Gina, como podemos ver nos trechos: “[...] A desordeira é Oriana com seus dedinhos de unhas roídas [...]”; “[...] Gina gostava dos clássicos, tinha paixão por Mozart, mas quando se trancava com Oriana, começavam o som dos delinquentes.”; “[...] foi ao banheiro para vomitar. Ou para abafar os guinchos na toalha ou queimar seu fumo ou tomar alguma pílula, é uma viciada.”

Além desse descontentamento pela amizade das duas, podemos evidenciar, também, a forma preconceituosa que esta narradora se refere à Oriana, julgando-a por sua aparência: “dedinhos curtos de unhas roídas”, por seu gosto musical: “som de delinquentes” e por presumir que a menina se drogava: “é uma viciada”. Em nenhum momento do conto a mãe de Gina menciona ter tentado conhecer melhor

Oriana, nem mesmo é possível saber se em algum momento as duas chegaram a manter algum tipo de conversa.

A desconfiança de que a relação de Gina com Oriana fosse mais do que uma simples amizade e o repúdio que ela sente por imaginar esta relação homoafetiva é o que irá fazê-la confrontar a filha e pedir para que ela escolha entre ela ou Oriana. E, então, temos o desfecho desse confronto, no qual Gina escolhe, então, o suicídio.

Após a morte da filha, o que resta para esta narradora é a indignação diante do ocorrido e a insistência na disputa com Oriana pelo amor de Gina representada pelas rosas de cada cor, branca (da mãe) e vermelha (da Oriana), que são depositadas no túmulo da menina.

Os espaços, o cemitério e a casa da mãe de Gina, citados acima podem ser tidos como *espaços principais* da história, já que são nesses locais que acontecem os principais conflitos dramáticos do conto. A casa da mãe é onde acontecem as sessões de estudo no quarto de Gina, onde ela e Oriana se trancam e ficam horas “estudando” e ouvindo jazz; e onde ocorre o suicídio de Gina, que também acontece no quarto da jovem. E o cemitério é o local onde acontece a “disputa das rosas” entre a mãe de Gina e Oriana, lugar em que ela está e começa a recordar de tudo.

Já o ambiente da história é de disputa, solidão, tristeza e preconceito. De disputa entre a narradora e Oriana em relação as rosas que são deixadas no túmulo de Gina. De solidão e tristeza pela imagem da mãe que vai sempre ao cemitério para estar, de algum modo, próximo a filha. E de preconceito observado nas descrições que a narradora faz de Oriana e da relação da menina com sua filha. Inclusive, este ambiente de preconceito exerce importante influência no desfecho da história, marcado pelo suicídio de Gina e pelas lembranças que afligem a narradora.

Mesmo que não admita claramente, há a impressão de que esta narradora é consciente de sua participação na tragédia, uma vez que afirma, quando recorda o velório da filha, como as lembranças podem ser prejudiciais:

“Acendo outro cigarro e respondo ao cumprimento do alegre casal

de velhos que vem retornando do seu passeio pela alameda, andam pelo cemitério como se estivessem num bosque. Leio a advertência no maço, Fumar é prejudicial à Saúde. Mais prejudicial do que o cigarro é a memória, digo baixinho ao velho que lançou um olhar reprovador ao meu cigarro. A memória e os seus detalhes. Coisas pequenas, minúcias.” (TELLES, 1995 p.141)

Esta característica nociva que ela atribui à memória é justificada pelo conteúdo de suas lembranças, pelos fatos contemplados no passado. Isso se explica claramente pelas circunstâncias que marcaram a morte de sua filha. Poderíamos até dizer se tratar da consciência de que a imposição que ela fez a filha foi o estopim para a tragédia, o suicídio. Quando ela menciona o momento em que teve sua última conversa com a filha: “[...] ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! o fio da vida”, ela usa um eufemismo para se referir ao suicídio da filha, como se para tentar amenizar em suas lembranças a tragédia ocorrida, minimizar a dor que esta lembrança lhe causa.

Sabemos que não é possível para ela esquecer, deletar os acontecimentos de sua memória, uma vez que toda a história é narrada através de flashbacks, de recordações de vários acontecimentos relacionados a sua filha. Por isso, o uso do tempo psicológico neste conto, pois não é possível se determinar o tempo cronológico, já que a narração do conto é feita através do fluxo de consciência da narradora, das lembranças que são despertadas por sentimentos, pensamentos.

Há ainda, também no velório da filha, a demonstração de um conflito interior desta narradora, dividida entre o amor por sua filha e o ódio por sua relação com a amiga. Este conflito se percebe bem no final, quando ela diz: “ô! filha, eu deixei escapar”, no momento em que ela acredita que a filha está assustada e, finalmente tendo consciência de sua morte, como se para consolar a filha e demonstrar sua dor, mas logo depois, quando ela vê Oriana arrumando as rosas no caixão, ela pensa: “Nunca mais, Gina? Tive uma vontade louca de responder ali, diante de todos, Isso mesmo, nunca mais.”, como se ficasse satisfeita pela morte ter separado a filha de Oriana. Apesar da mãe estar triste por sua filha ter falecido, ela se contenta em saber que finalmente Oriana está separada de Gina.

Para nós, leitores, não fica claro o porquê do preconceito desta mãe, apenas descarta-se motivações religiosas, já que ela afirma não acreditar em Deus. Assim, é interessante observar que, como narradora da história, detentora da voz, da palavra, ela poderia muito bem mencionar percepções sobre isso, mas ela não o faz e isso pode ser interpretado como uma afirmação da inexplicabilidade do preconceito, da ignorância da discriminação que se sustenta pela agressividade, pela hostilidade e pelos julgamentos errados. Temos o entendimento de que não há justificativas para um pensamento preconceituoso, apenas consequências, que no caso se demonstra pelo suicídio da própria filha.

Por fim, compreendemos que, mesmo desejando fugir de suas lembranças e esquecer a tragédia ocorrida com a filha, esta mãe, não renuncia ao seu preconceito diante da possibilidade de uma relação homoafetiva entre sua filha e Oriana, tendo, por meio da continuação da disputa com Oriana, a afirmação da permanência de seu ponto de vista.

### 3. Simbolismo no conto

No conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles, temos alguns simbolismos que são significativos para enriquecer e ressaltar alguns aspectos da história e auxiliar em sua interpretação. Dentre eles, podemos destacar pelo menos três: o primeiro é o título do conto, o segundo são as rosas que são depositadas no túmulo de Gina e o terceiro é a data de sua morte.

O título “Uma branca sombra pálida” seria a tradução do nome da música “A Whiter Shade of Pale” da banda Procol Harum, a música que Gina e Oriana escutavam, repetidamente, quando estavam no quarto estudando. A música remete à imagem de um cadáver, reforçado pelos adjetivos “branca” e “pálida” que “qualificam” a sombra, referência esta que é feita pela própria narradora quando ela está no velório da sua filha, Gina, como podemos ver no trecho: “Lembrei então da música que repetiam até o orgasmo. Uma branca sombra pálida. Sim, ela ficou apenas isso na morte.”, e que seria, então, uma

metonímia para a morte, tema este que será retomado várias vezes na história.

Já a sombra em si, nada mais é do que o espaço que se forma na ausência de luz. Quando algo é iluminado o que se “cria” do lado oposto dessa claridade é a sombra, por isso tudo o que assumimos como “sombrio” sempre alude à falta de um brilho, que, no caso do título do conto aponta para a perda da vida, pois a luz é extremamente necessária para a sobrevivência, e é comum se falar que quando uma pessoa está cheia de vida ela está iluminada. A sombra é algo considerado obscuro, amedrontador, em outras palavras, algo difícil de entender, assim como a morte, que é sempre um tema polêmico, um tema que está sempre voltado a escuridão, já que muitos consideram morrer “apagar” a chama da vida.

O tema da morte neste conto não é um mistério para o leitor, que já se depara com a menção de uma ida ao cemitério logo no início da história: “Hoje fui ao túmulo de Gina [...]”. Sendo assim, a interpretação do título não se limita à uma tradução do nome de uma canção quando se enxerga a forte presença de simbolismo que remetem ao caráter mórbido da história. Como imaginar uma “sombra branca/pálida”? Quando pensamos em sombra, pensamos em tons escuros, negros; porém a “sombra” de Gina não existe mais, ela faleceu, perdeu o sangue, ficou “branca/pálida” se tornou a própria sombra, pereceu.

A própria letra desta música contribui para esta interpretação, mesmo que a letra da música não seja explorada ao longo do conto. Temos um trecho da mesma que diz “*That her face, at first just ghostly / Turned a whiter shade of pale*” (PROCOL HARUM, 1967), cuja tradução para o português seria algo parecido com: “Que o rosto dela, a princípio apenas fantasmagórico / Transformou-se em um tom mais claro de palidez”. Podemos entender, portanto, que palavras que lembram a morte e tudo o que ela indica está presente neste título e que mantém uma relação com a própria Gina e a sua trajetória até a morte. O termo *ghostly* que está presente na letra da música caracteriza a “branca sombra pálida”, isto é, o fantasma que já estamos acostuma-

dos a imaginar com esse aspecto de uma “sombra branca”, uma silhueta humana pálida e translúcida, um espectro.

No que se refere às rosas que são deixadas no túmulo de Gina, o simbolismo surge através das cores das rosas e o que esses tons representam. A função das cores é principalmente: influenciar nosso estado de espírito, criar diferentes atmosferas e aquecer ou esfriar um ambiente. A mãe de Gina sempre deixa rosas brancas em seu túmulo e o branco é uma cor neutra, que simboliza inocência, fé e pureza. Essa simbologia fica clara em alguns trechos do conto como: “Gina tinha essa mesma postura altiva de bailarina se preparando para entrar no palco, a cabeça pequena, a testa pura. Artificial, sim, dissimulada mas querendo parecer natural[...]” (grifo nosso). Aqui a mãe demonstra que a filha é pura/inocente e neutra/artificial, assim como a simbologia da cor de rosas escolhidas por ela.

Em outro trecho também é citado que até a cor do quarto de Gina é branca: “Você parecia tão feliz lá no seu quarto todo branco [...]” (grifo nosso). O branco também é uma cor que está associada à alegria e à claridade, como expresso no trecho acima. Tendo em vista que a filha morava com a mãe, provavelmente não foi a menina quem escolheu esta cor para o quarto, e sim a própria mãe, além disso, esta cor figura a higiene e a saúde, coisas que a mãe de Gina deixa claro que preza, como observado nos trechos: “Apanhei no chão o papel cinza-prateado da floricultura, logo aqui adiante há um cesto metálico e no cesto está escrito *Lixo*, este é um cemitério ordeiro.”, onde a narradora demonstra querer manter a ordem do cemitério; além disso, no excerto: “[...] também eu não me conformo, a diferença apenas é que você gosta de fazer sujeira [...]”, que se refere à parte em que a mãe chama Oriana de suja, e diz ser o contrário dela, portanto, uma pessoa limpa; e ainda no fragmento: “[...] mas antes deixo no cesto o ramo murcho das minhas rosas brancas e mais o papel que Oriana largou no chão.”, em que ela arruma o local das rosas e ainda limpa do chão a sujeira que Oriana havia feito. Todos estes momentos demonstram que a mãe está preocupada em manter a limpeza e a organização, além de transmitir a pureza que ela via na filha através das rosas.

Já foi dito que o branco citado pode remeter também a saúde e limpeza, mas, em contrapartida: “ambientes totalmente brancos podem se tornar impessoais, monótonos e hostis. Podem ainda lembrar hospitais e deprimir.” (GURGEL, Miriam. *Projetando espaços*, 2010). Isso reforça a ideia de que Gina provavelmente não vivia feliz, era solitária, o que remete a uma certa “negatividade” presente nesta cor, a solidão, a melancolia que provavelmente “sufocava” Gina.

Por outro lado, a amiga de Gina, Oriana, sempre deixa rosas vermelhas. A cor vermelha é tida como a mais quente e dramática das cores, é uma cor que estimula os sentidos e seduz a mente, totalmente o contrário do branco já citado. Representa romance, paixão, drama, emoção, vitalidade, energia, calor e também agressividade, pode, também, representar o amor, o pecado e o sangue. Todas essas características estão associadas à Oriana.

De acordo com a narradora, Oriana possuía uma agressividade que era percebida no gosto musical: “Eu podia colar o ouvido na parede e só ouvia a cantoria da negrada se retorcendo de aflicção e gozo.” (grifo nosso), e também no trecho em que ela se sente ameaçada pela atitude de Oriana: “Ela vem com a arrogância das suas rosas vermelhas e me provoca deixando aí o ramo [...]” (grifo nosso). Até a borboleta citada no conto é atraída pelas rosas vermelhas deixadas por Oriana: “Uma borboleta com desenhos prateados nas asas veio agora rondar a jarra das rosas vermelhas, não quis os botões brancos, a safada.” (grifo nosso) outro momento em que a cor vermelha é associada a algo impuro, obscuro, pois a mãe de Gina considera que a borboleta seja uma safada porque ela preferiu as rosas vermelhas, cor do pecado, às rosas brancas, cor da pureza.

Além disso, o lugar onde as rosas são deixadas também reforçam essa representação (pureza x pecado) que as cores das rosas possuem, uma vez que a mãe sempre deixa as rosas brancas no jarro do lado direito, que pode ser interpretado como o lado correto, o justo, o lado mais puro; enquanto que Oriana deixa as rosas vermelhas do lado esquerdo, o lado que pode ser entendido como sendo o do coração, dos sentimentos, ou até mesmo do errado, injusto, do pecado. De

um modo geral, direita e esquerda, têm sentidos muito amplos de significados. O lado direito seria o “correto”, aquilo que se encaixa nos padrões, enquanto que o lado esquerdo seria o “inadequado”, o “ruim”, aquilo que foge dos padrões. Como a história é narrada pela mãe de Gina, que ao deduzir que a filha tem alguma relação amorosa com Oriana, não aceita e condena esta relação, este possível amor é visto por ela como um pecado, algo repulsivo. E é justamente pelos significados das cores das rosas deixadas no túmulo de Gina em conjunto com a simbologia do lado em que são colocadas, que a competitividade entre a mãe de Gina e Oriana se torna, também, símbolo da competitividade do amor que cada uma sentia por Gina.

No terceiro simbolismo, temos o suicídio cometido por Gina em um domingo de Páscoa, data da ressurreição de Jesus, na qual se cria uma relação de oposição entre a comemoração de um dia que se celebra a ressurreição, de Cristo, com a morte definitiva, sem ressurreição, da personagem Gina. A escolha desta data é até questionada pela narradora, mãe de Gina: “Até hoje me pergunto porque ela escolheu um Domingo de Páscoa. Sem ressurreição”.

Desta forma, o simbolismo se destaca na ideia do suicídio, da falta de esperança, da impossibilidade de um novo começo. Tendo em vista que a mãe de Gina não era religiosa, mas o pai sim, a garota, que era mais semelhante e próxima ao pai, provavelmente via um grande significado nesta data, afinal, para os fiéis, o domingo é o dia do Senhor e a Páscoa é a celebração litúrgica mais importante, onde é celebrada a passagem da morte à Vida:

Sendo o domingo uma festa pascal de frequência semanal, os cristãos, desde os primeiros tempos, juntam-se nesse dia para celebrarem o seu Redentor, agradecer-Lhe e reunir-se com Ele e com os outros redimidos. Portanto, é de interesse central para cada cristão católico “santificar” o domingo e outras festas de guarda. Deste preceito estão livres todos os que têm deveres familiares prementes ou tarefas sociais importantes. Porque a participação na EUCARISTIA dominical é fundamental para a vida cristã, a Igreja considera expressamente um pecado grave afastar-se da Missa dominical sem necessidade. (YOUCAT, 2013 p. 201)

A Páscoa, na religião cristã, principalmente na religião católica, é uma data sagrada, em que Jesus ressuscita após ter morrido para livrar a humanidade dos pecados, acreditando-se que Ele morreu por nós. Porém, Jesus não continuou fisicamente conosco após a sua ressurreição, Ele retorna ao céu prometendo voltar. Pensando em Gina, podemos associar sua morte à libertação que ela almejava alcançar da sina entre ter que escolher entre a mãe e a amiga. Ela “morreu por elas”, quis livrar as pessoas que ela mais amava de lutarem por ela. Por isso sua morte ganha simbolismo por ocorrer na “festa pascal”:

A celebração litúrgica mais importante era a liturgia pascal, que Jesus celebrou com os Seus discípulos, na sala de jantar, na véspera da Sua morte. Os discípulos pensavam que Jesus ia libertar Israel do Império Romano, como outrora Deus o libertou do Egito. Jesus celebrou, porém, a libertação de toda a humanidade do poder da morte. Antes, fora o “sangue do cordeiro” que preservou os israelitas do anjo da morte; agora, seria Ele próprio o cordeiro cujo sangue salvaria a humanidade da morte. Portanto, a morte e a ressurreição de Jesus são um testemunho que se pode morrer e, apesar disso, voltar à vida. Este é o conteúdo próprio da celebração litúrgica cristã. O próprio Jesus comparou a Sua morte e a Sua ressurreição com a libertação de Israel da escravidão do Egito. Por isso, a ação redentora da morte de Jesus é designada por “mistério pascal”. Assim como o sangue do cordeiro salvou a vida dos israelitas quando da sua saída do Egito, também Jesus, enquanto verdadeiro cordeiro pascal, redimiu a humanidade do seu envolvimento na morte e no pecado. (YOUCAT, 2013 p. 105)

Porém, assim como no “mistério pascal”, a morte de Gina permanece um mistério para a mãe e o leitor, pois não temos como comprovar seus verdadeiros motivos a partir da forma como a história é narrada pela mãe. Porém, temos pistas que nos levam a crer que Gina sofria e quis amenizar esta dor. Esta dor que não atingia somente ela, mas também a mãe, que não suportava Oriana. O mistério de sua morte não poderia ser revelado a menos que Gina ressuscitasse, assim como Jesus, e relatasse o que realmente a levou a cometer o suicídio, já que todo o conto é narrado pela perspectiva da mãe dela, que a torna um narrador não confiável.

#### 4. Análise dos temas abordados no conto

Durante toda história, são as afirmações desta mãe, narradora, que nos conduzirão para os acontecimentos presentes e passados, mostrando suas percepções sobre os personagens e possibilitando, através das interpretações de seus sentimentos e dos acontecimentos, a interpretação dos temas abordados: o suicídio e o preconceito contra a opção sexual de Gina. O primeiro é confirmado pela narradora, a mãe da Gina, quando ela diz: “foi suicídio”, deixando claro para o leitor o motivo da morte de Gina.

Já o segundo tema não é apresentado diretamente, ele precisa ser interpretado pelo leitor que possui diversas pistas, ao longo do texto, do comportamento preconceituoso da mãe, o qual não se limita somente ao preconceito contra a opção sexual, mas também as escolhas que a filha vinha fazendo após conhecer Oriana. Quando está narrando o começo da amizade da filha com a amiga, Oriana, ela menciona o fato da filha ter começado a se interessar por Letras com receios, como se não concordasse com esta escolha, quer dizer, ela já demonstra que esta opção não a agrada, pode ser tanto pelo fato do tipo de curso não ser o que ela almejava para a filha, isto é, não ser uma boa escolha, ou algo que traga sucesso no futuro, por assim julgar; ou simplesmente pelo fato de ser a mesma escolha de Oriana, a amiga da filha que a mãe tanto odeia.

Mais adiante, ela novamente irá mencionar a amizade da filha, e desta vez comenta sobre o fato delas ouvirem Jazz, a qual a narradora afirma ser “música de drogados”, “de delinquentes”. E, além destes dizeres que mostram como esta mãe possui tendência a criticar e julgar, temos, também, a forma como ela vai reagir ao possível caso amoroso da filha com a amiga, demonstrando recusa e repúdio: “Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é novidade para mais ninguém, por que está se fazendo de tonta?”.

Estes sentimentos se refletem na forma como passa a se referir a esta amiga, que para ela é a responsável de ter envolvido sua filha nesse caso amoroso, utilizando-se de termos como “a outra”, “desor-

deira", "viciada". Há, inclusive, um trecho desta história que irá ressaltar esse tratamento, em que ela chega ao túmulo e já se depara com as rosas vermelhas deixadas por Oriana, e quando ela vê o papel da floricultura jogado no chão e pensa em Oriana, ela afirma "Você é suja!", expressão ambígua que pode significar a sujeira que Oriana fez ao deixar o papel no chão, mas que também pode ser entendida como uma forma pejorativa para se referir à Oriana, deixando implícito para o leitor que também considerava as escolhas de Oriana, ouvir jazz, estudar letras, e, possivelmente, ser homossexual como atributos que a tornavam uma pessoa "suja", uma pessoa inferior a ela e a Gina.

Este sentido pejorativo pode ser confirmado se observarmos que às vezes ela utiliza o termo "suja" para qualificar tudo o que lembra Oriana, como quando ela se refere às rosas vermelhas deixadas por Oriana no túmulo como sendo "sujas", expressando novamente um sentimento de repulsa pelo o que estas rosas e a pessoa que as trouxe representam para ela. Esse sentimento é tão forte que ela chega a afirmar, em um dado momento, que as rosas estão "obscenas de tão abertas", o que pode ser interpretado como uma metáfora que faz referência ao órgão sexual feminino, fortalecendo ainda mais a visão desta mãe que rejeita de várias formas a relação que a filha e a amiga poderiam ter, rejeição que se transforma em desprezo por esta amiga da filha.

Mais a frente, o leitor terá a afirmação deste posicionamento da mãe quando ela diz claramente para a filha que se trata de uma "relação nojenta", e íntima a filha a tomar uma decisão, que é a escolha entre ela ou sua amiga. E, será neste momento, que teremos o que parece ser o possível momento definitivo, o clímax do conto, que levará sua filha, Gina, a cometer suicídio.

Muito pouco podemos afirmar sobre as motivações que levaram a este suicídio, uma vez que só sabemos da história através do olhar da mãe de Gina, que nos descreve, apenas, alguns aspectos da personalidade de sua filha, por exemplo, quando diz que Gina era voluntariosa, dissimulada, e alguns fatos de sua vida, como quando menciona algumas conversas que Gina tinha com o pai, a morte do

pai, a escolha por frequentar uma escola de bailado clássico e sua amizade com Oriana. Tirando estes pequenos detalhes que são contados sobre Gina, nada mais sabemos de seus sentimentos, suas ideias e suas percepções acerca de tudo que aconteceu.

No entanto, pelo o que é narrado, há uma tendência a se acreditar que esta discussão com a mãe foi realmente um grande influenciador para que Gina recorresse ao suicídio, uma vez que temos na noite da discussão uma percepção do modo como a filha estava antes desta desavença, que é narrada pela mãe: “Assim que me viu, esboçou um sorriso e continuou cortando com a tesourinha de unhas os caules que em seguida mergulhava no copo d’água” e, depois, do modo como ela reagiu indo atrás da mãe e lhe dando um abraço e, por fim, o último olhar que lançou à mãe: “Por um momento ela ficou me olhando, os braços caídos ao longo do corpo, a boca interrogativa, olhando.”.

A impressão que temos é que depois que a mãe a pede para escolher entre sua amiga ou ela, Gina parece se despedir da mãe, quando a abraça e fica a repetir “Ah, mamãe, mamãe! ficou repetindo agarrada a mim”, como se soubesse o que faria depois, como se esta repetição fosse um misto de afeto e adeus. A própria mãe acredita que o suicídio foi uma solução que ela encontrou para não ter que escolher entre a mãe ou a amiga: “[...] mas em nenhum momento me ocorreu que além das duas saídas que lhe ofereci, havia uma terceira. Que foi a que ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! o fio da vida no mesmo estilo oblíquo com que cortava os caules”, como se ela se sentisse impossibilitada de escolher entre a própria mãe, que pode ser considerada a representação da família, ou a amiga, que pode ser considerada a representação do relacionamento carnal, se opondo ao amor maternal, e assim visse na morte sua única saída.

A relação desta mãe e desta filha pode ser entendida como distante do que a relação desta filha com o pai. Isso porque em vários momentos é citada a aproximação de Gina com o pai, que partilhavam de comportamentos e ideias, como se pode ver em vários trechos: “O pai tinha esse mesmo estilo ambíguo, não ia direto ao alvo, contornava.”, “A morte é um sopro, ouvi a pequena Gina dizer ao pai,

eles gostavam desses assuntos.”, “ Fumava cachimbo com aquele mesmo ar romântico com que Gina ouvia Chopin [...]”, “Muito parecida com o pai a pequena Gina [...]”. Essa identificação de Gina com o pai é percebida pela mãe e pelo leitor, ambos eram parecidos e conversavam com maior familiaridade.

Depois da morte do pai, esta mãe parece ter deixado a filha com suas coisas e suas ideias em uma certa “solidão”, no sentido de deixá-la fazer o que queria, pois pareciam não ser próximas. No entanto, podemos ver que esta liberdade foi interrompida no momento em que ela se intromete na relação da filha com a amiga.

A mãe de Gina não aceita a amizade com Oriana desde o início. Em um primeiro momento, ela não gosta das mudanças que esta amizade causa na filha, como quando Gina passa a escutar Jazz, diferente das músicas clássicas que costumava escutar antes, ou quando ela passa a se interessar por Letras. Mas até este ponto, ela não menciona nada a filha, mas percebemos seu descontentamento. Logo depois, ela começa a desconfiar das horas que a filha passa trancada no quarto estudando com a amiga. Porém, como ela não podia ter certeza das coisas que aconteciam dentro do quarto, e nem nós leitores, uma vez que nossa narradora não participava destes estudos fechados a quatro paredes, vamos sendo conduzidos pelas desconfianças desta narradora que não aceita de modo algum que a filha tenha algum tipo de relação amorosa com esta amiga.

A mãe só observa tudo e fica na dúvida se está ou não imaginando coisas, quando diz “Apertei a cabeça entre as mãos e fiquei andando sem parar, mas o que significava isso? Será que estava enlouquecendo? [...]”. Ela nada diz a filha, mas vemos pelo seu relato o quanto ela vai criando um amontoado de sentimentos, que ela guarda só para si em relação a esta amizade, que para ela é mais do que isso, e a mudança de comportamento da filha.

Percebemos isso em trechos como “Então eu quis dizer que achava um verdadeiro lixo essa música de drogados, mas consegui me conter.”; “Parem com isso! eu queria gritar”. Este acúmulo de sentimentos que demonstravam sua revolta para tudo que se relacionava à Oriana com sua filha é finalmente despejado no momento em que

ela rompe essa liberdade dada à filha e resolve, finalmente, confrontá-la sobre sua relação com Oriana, deixando bem claro o que ela pensa disso:

“Comecei falando em trivialidades, me lembro que cheguei a oferecer-lhe um fresco. [...] Confesso que não sei, até hoje não sei por que de repente, sem alterar a voz, comecei a falar com tamanha fúria que não consegui segurar as palavras que vieram com a força de um vômito, Gina querida, como é que você tem coragem? De continuar negando o que todo mundo já sabe, quando vai parar com isso?” Ela levantou a cabeça e ficou me olhando. Mas o que todo mundo já sabe mamãe? [...] Mas ainda me pergunta?! Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é novidade para mais ninguém, por que está se fazendo de tonta?”. (TELLES, 1995 p. 136 - 137)

E é logo após esta discussão que Gina comete suicídio. Por causa da não aceitação da relação da filha com Oriana, a mãe às vezes até desconfia que o suicídio foi, também, um ato pensado para atingi-la “Acho que queria apenas me agredir [...]”. Isso acontece porque a busca em entender o acontecido é inevitável, assim como as lembranças e as percepções desta narradora.

A rivalidade da mãe com Oriana, amiga de sua filha, continua mesmo depois da morte de Gina. Cada uma passa a levar rosas ao túmulo, a mãe levando suas rosas brancas e Oriana suas rosas vermelhas. O ato de levar as rosas torna-se uma competição entre as duas, competição esta que a mãe de Gina parece gostar “E se eu mesma me envolvi nessa espécie de polêmica com Oriana é porque estranhamente esses jogos florais me excitam”, é para ela importante manter esta competição, como se disputasse para provar qual amor durará mais e, por isso, ela aguarda o momento em que Oriana deixará de levar estas rosas, pois assim ela provará que o amor dela é mais fraco, falho, como podemos ver no trecho: “Até quando? Até quando Oriana vai se empenhar comigo nessa polêmica? [...] Mas logo vai conhecer outra, é evidente. Ao lado das suas rosas ressequidas ficarão apenas as minhas rosas brancas. Difícil explicar, mas quando isso acontecer, esta será para mim a sua maior traição”. Esta disputa de levar

rosas, cada uma de uma cor, também serve para mostrar como o preconceito desta mãe persiste mesmo após a morte de sua filha, uma vez que ela insiste em disputar com Oriana pela filha, já morta, e insiste em ver esta amiga da filha como inimiga.

Contudo, este conto traz uma história que serve para mostrar as consequências e a força destruidora do preconceito, da não aceitação de quem somos, principalmente, dentro do ambiente familiar. Pela mãe narradora, podemos ver como a visão de alguém que carrega este preconceito não se desfaz e permanece a não entender sua filha, sua relação com a amiga e mantém, portanto, uma rejeição de tudo o que se relaciona a isso. “Uma branca sombra pálida” fala de uma tragédia, do suicídio, como uma fuga do preconceito da mãe e da incapacidade desta última de entender e aceitar o diferente, que prefere sentir uma certa satisfação ao ver a filha separada da amiga, seu possível caso amoroso, do que repensar e mudar sua visão das coisas.

### **Considerações finais**

Ao realizar uma análise dos aspectos do conto, como a fábula, os personagens, o tempo, o ambiente e o espaço, tivemos o intuito de esclarecer estes aspectos como importantes para o entendimento da história. Depois, partimos para o desvendamento dos simbolismos e das temáticas do conto, para que o leitor tivesse a compreensão destes simbolismos como fatores auxiliares para a interpretação do conto e sua temática. Por fim, a escolha deste conto foi baseada justamente na abordagem do tema do preconceito e do suicídio, os quais consideramos importantes temas a serem discutidos, e vimos neste conto, uma forma de mostrar como o preconceito, sendo uma ideia de opressão contra qualquer pessoa, pode ser destrutivo para aquele que o sofre. Poder destrutivo este que chega ao ato extremo do suicídio neste conto de Lygia Fagundes Telles.

UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DO CONTO UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, EVIDENCIANDO A TEMÁTICA DO SUICÍDIO E DO PRECONCEITO

BATISTA, C. C.; ALVES, D. B. R.; GENARI, L. S. R. Uma análise interpretativa do conto uma branca sombra pálida, de Lygia Fagundes Telles, evidenciando a temática do suicídio e do preconceito. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v.17, n.1, p. 58-77, 2018.

**ARTICLE: AN INTERPRETATIVE ANALYSIS ABOUT THE SHORT STORY UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA, BY LYGIA FAGUNDES TELLES, CLARIFYING THE THEMES OF PREJUDICE AND SUICIDE**

**ABSTRACT:** The analysis of the narrative structure of the short story *Uma branca sombra pálida*, by Lygia Fagundes Telles, in order to investigate the themes of prejudice and suicide in the short story. The analyses reveal that the short story shows some hidden content through figures of speech which contribute to the possibility of many prejudice interpretations that lead the character, Gina, to commit suicide.

**KEYWORDS:** Prejudice; death; suicide.

**Referências bibliográficas:**

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *TEORIA LITERÁRIA: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá. Editora Eduem. 2009. p. 33 - 56.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. 7. ed. Editora Ática. (Série Princípios).

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006. (Série Princípios).

GUIMARÃES, H.S & LESSA, A.C. *Figuras de linguagem*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

GURGEL, Miriam. *Projetando espaços*. 4. ed. São Paulo: Senac, 2002.

HARUM, Procol. *A Whiter Shade Of Pale*. Disponível em: <<https://www.lettas.mus.br/procol-harum/676906/traducao.html>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Uma branca sombra pálida. In: *A noite escura e mais eu*. 1995. p. 127 - 142.

YOUCAT. São Paulo: Paulus, 2013.